

O tradutor como divulgador (ou não) da cultura do texto de partida: as notas de rodapé de duas traduções para o inglês de *Iaiá Garcia*, de Machado de Assis

Adriana Mayumi Iwasa Braccini¹

Válmi Hatje-Faggion²

Resumo: A maneira como aspectos culturais presentes em uma dada obra literária são traduzidos para um novo sistema literário depende primordialmente das escolhas de seus tradutores, que podem ser identificadas como mais domesticadoras ou mais estrangeiradoras (VENUTI, 1995), ou seja, os tradutores detêm papel extremamente relevante quando se examina a tradução para o inglês dos marcadores culturais de uma determinada obra literária. Este artigo busca, por meio da análise descritiva dos paratextos (GENETTE, 1997, 2009), mais especificamente das notas de rodapé, discutir se o tradutor que as utiliza, e que, por isso, tende a ser mais “estrangeirador”, realmente apresenta da melhor forma as questões culturais (AUBERT, 2006; AIXELÁ, 2013) do texto de partida no texto de chegada. Para subsidiar essa análise, foram comparadas duas traduções para o inglês de *Iaiá Garcia* (1878), de Machado de Assis, quais sejam: *Yayá Garcia* (1976), traduzida por Robert Scott-Bucleuch, publicada no Reino Unido, e *Iaiá Garcia* (1977), traduzida por Albert Bagby Jr., publicada nos Estados Unidos, e ambas foram cotejadas com o texto de partida correspondente em português. Com base no cotejo desses três textos, conclui-se que Scott-Bucleuch tende a ser um tradutor mais “domesticador” enquanto Bagby Jr. tende a ser mais “estrangeirador”. No entanto, na maioria das vezes em que Bagby Jr. utilizou notas de rodapé em sua tradução para esclarecer aspectos da cultura brasileira,

1 Doutoranda em Estudos da Tradução pelo PPG-LETRA/Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Estudos da Tradução pelo POSTRAD/Universidade de Brasília (2022). Bacharel em Letras - Inglês pela Universidade de Brasília (2019) e em Ciências Econômicas pela Universidade de São Paulo (2001). E-mail: adriana.iwasa@usp.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2872275717411366>. O presente artigo é resultado da dissertação de Mestrado denominada «*Iaiá Garcia* de Machado de Assis em inglês: o papel dos tradutores na tradução dos marcadores culturais para o mundo anglo-americano», de Adriana Mayumi Iwasa Braccini, com orientação da Profa. Dra. Válmi Hatje-Faggion, pelo POSTRAD/ UnB, com Bolsa Capes.

2 Professora Titular de Estudos da Tradução do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET), Universidade de Brasília (UnB). Atua na Graduação no Bacharelado em Tradução Português-Inglês e na Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POSTRAD). Na Inglaterra, obteve Ph.D. em “Translation Studies”, University of Warwick (2002) e fez Pós-doutorado em “Translation Studies”, University of Leeds (2018). E-mail: hatjefaggion@yahoo.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7237687470210729>.

aparentemente, ele não conseguiu com esse recurso destacar as peculiaridades culturais do país, o que demonstra que nem sempre o tradutor mais “estrangeirizador” consegue evidenciar os aspectos culturais do texto de partida.

Palavras-chave: Tradutores. Marcadores Culturais. Notas de rodapé. *Iaiá Garcia*. Machado de Assis.

Iaiá Garcia, de Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), é um clássico da literatura brasileira, publicado inicialmente como folhetim, na revista carioca “O Cruzeiro”, de 1º de janeiro a 2 de março de 1878 e, em seguida, no mesmo ano, em formato de livro, pela G. Vianna & C. Editores. Essa obra é relevante para o sistema literário brasileiro, pois, além de ser o último romance da fase dita “romântica” de Machado de Assis (PEREIRA, 1936; MOISÉS, 1968; BOSI, 1981; SCHWARZ, 2000), contém em seu texto várias das discussões abordadas em romances anteriores desse escritor, bem como parte dos atributos pelos quais Machado de Assis ficaria conhecido em sua fase realista, como, por exemplo, a crítica social e, nela, a descrição das relações de favor e agregados (SCHWARZ, 2000).

O objetivo deste artigo é verificar se a crítica social presente em alguns marcadores culturais existentes no texto de partida se mantém ou não nos textos de chegada, por meio da análise descritiva e comparativa de duas traduções para o inglês de *Iaiá Garcia*, que são: *Yayá Garcia*, de Robert Lascelles Scott-Buckleuch, publicada no Reino Unido, em 1976, e *Iaiá Garcia*, de Albert Ian Bagby Jr., publicada nos Estados Unidos, em 1977, ambas cotejadas com o seu texto de partida correspondente em português. Procura-se investigar se a utilização das notas de rodapé no texto traduzido explicita a crítica social prevista na narrativa dessa obra machadiana, com o fim de estabelecerem-se possíveis impactos e implicações para o leitor de língua inglesa. Com base nas notas de rodapé elaboradas por Bagby Jr., um dos tradutores de *Iaiá Garcia*, como meio de apresentação e explicitação das marcas culturais para o mundo anglo-americano, pretende-se verificar se o tradutor com tendência a escolher estratégias de estrangeirização

realmente consegue levar, ao público de chegada, os marcadores culturais, ou se o tradutor com tendência a selecionar estratégias domesticadoras consegue fazer essa transposição mesmo estando menos visível.

Essa análise das traduções mencionadas se insere no campo disciplinar dos Estudos Descritivos da Tradução (EDT), com seu foco orientado ao produto final, isto é, ao texto traduzido em uma perspectiva sociocultural.

A (in)visibilidade do tradutor, discutida por Venuti (1995, p. 1-2), está diretamente relacionada à fluência do texto traduzido e sua recepção no mundo anglo-americano, ou seja, “quanto mais fluente for a tradução, mais invisível será o tradutor, e, provavelmente, mais visível será o escritor ou a importância do texto estrangeiro”.³ A estratégia da domesticação depende muitas vezes do público para o qual o texto traduzido é previsto, o que pode se tornar um limitador tendo em vista a necessidade de se atender aos desejos e às expectativas do público receptor. De outra forma, quando se trata da estratégia de estrangeirização de uma tradução, parece que o objetivo do tradutor tende a ser o de pouca interferência nos aspectos do texto de partida, principalmente nos culturais, até como forma de demonstrar resistência à dominação etnocêntrica dos países de língua inglesa. Como afirma Venuti (1995, p. 20), “estrangeirizar uma tradução em inglês pode ser uma forma de resistência contra o etnocentrismo e o racismo, o narcisismo cultural e o imperialismo, nos interesses das relações geopolíticas democráticas”.⁴

Venuti (1995, p. 101), citando Schleiermacher, afirma que a “experiência” do leitor do texto traduzido é fator relevante para o grau de estrangeirização de um texto, pois, quanto maior for o grau de instrução desse leitor, mais ele compreenderá da cultura estrangeira de modo geral.

3 No original: “The more fluent the translation, the more invisible the translator, and, presumably, the more visible the writer or meaning of the foreign text.” (VENUTI, 1995, p. 1-2, tradução nossa).

4 No original: “Foreignizing translation in English can be a form of resistance against ethnocentrism and racism, cultural narcissism and imperialism, in the interests of democratic geopolitical relations.” (VENUTI, 1995, p. 20, tradução nossa).

Nesse mesmo sentido, Britto (2010) afirma que é a distância entre a cultura de partida e a cultura de chegada que mediará o grau de estrangeirização do texto traduzido. Assim, quanto maior a distância, maior parece ser a necessidade de utilização de paratextos para que haja o entendimento da mensagem do texto de partida, mantendo-se os aspectos culturais nele presentes. Quando um texto literário é traduzido, ocorre o seu deslocamento de um sistema literário para outro, e isso pode implicar na realização de ajustes no texto para o público de chegada. Segundo Hatje-Faggion (2017), esses ajustes podem ocorrer de diversas formas de acordo com os objetivos dos envolvidos, como o tradutor e as editoras que publicam a obra traduzida. Uma ferramenta que pode ser utilizada para auxiliar nos citados ajustes do texto de partida que permita a sua tradução para o texto de chegada são os paratextos.

Conforme definição de Genette (1997, 2009),⁵ os paratextos englobam tudo aquilo que faz parte do livro, mas não faz parte do texto principal, como a capa, o prefácio e as notas explicativas, e podem ser divididos em dois tipos: peritexto e epitexto. O peritexto é composto, entre outros, pelo título, os nomes dos capítulos, ou seja, tudo o que estiver “em torno do texto, no espaço do mesmo volume” (GENETTE, 2009, p. 12), sem ser o texto principal. Já o epitexto é tudo que for exterior ao livro, como entrevistas, correspondências etc. Genette (1997, 2009) cita também a existência de paratextos “factuais”, aqueles gerados por motivos extratextuais, como o gênero, a idade ou origem do escritor, fatos que poderiam gerar o interesse de um leitor pela obra.

Para Genette (2009, p. 284), as notas elaboradas pelos tradutores (ou algum agente institucional, como os editores) que acompanham a obra traduzida fazem parte do peritexto e se enquadram no tipo alógrafas

5 É necessário aqui fazer a ressalva de que, apesar de Genette ser extremamente relevante para a teoria dos paratextos, ele deixa claro na conclusão de sua obra que ele escolheu não tratar da teoria dos paratextos na tradução, pois a indiscutível importância do assunto demandaria um outro trabalho (GENETTE, 1997, p. 405). No entanto, existem outros autores que se dedicaram a estudar, especificamente, os paratextos e a tradução, como Kathryn Batchelor (2018) e Teresa Dias Carneiro (2014).

autênticas, que são “todas as notas de editores nas edições mais ou menos críticas, ou as notas de tradutores” (GENETTE, 2009, p. 284). Essa classificação parece ser suficiente, porém, quando o tradutor adiciona ao seu texto uma nota explicando a sua escolha tradutória, essa nota poderia ser classificada como autoral, pois, nesse caso, o tradutor é autor de um texto que faz parte de um sistema próprio, o sistema de literatura traduzida, de acordo com a teoria dos polissistemas de Even-Zohar (1990). Além disso, como afirma Genette (2009, p. 285), “o destinatário da nota é certamente, em princípio, o leitor do texto”, e, a partir do momento que a nota existe para explicar uma escolha tradutória, a comunicação passa a ocorrer entre o tradutor, autor da nota tradutória, e o leitor de literatura traduzida. Sendo assim, as notas existem para oferecer informação adicional que um tradutor (ou editor) entende necessária a um texto (e que não está presente no texto de partida). No caso das traduções, essa adição pode ser de natureza cultural, técnica ou linguística e pode tanto estar inserida no texto quanto ser externa a ele, sendo posicionada no fim da página, no fim do capítulo ou no fim do livro, ou até mesmo em forma de glossário (NEWMARK, 1988, p. 91-92).

Por conseguinte, as notas explicativas podem conter esclarecimentos sobre os marcadores culturais, que para Aubert (2006) são definidos como as diferenças interlinguais, as intertextualidades e as dimensões extralinguísticas que dependem do referencial (ecologia, cultura material, cultura social e cultura ideológica), ou seja,

a existência do marcador cultural somente se revela no confronto pela diferenciação; ou, dito de outro modo, a noção de marcador cultural remete a um elemento distintivo, isto é, a algo que diferencia determinada solução expressiva linguisticamente formulada de outra solução tida por parcial ou totalmente equivalente. (AUBERT, 2006, p. 29).

Aixelá (2013, p. 190) apresenta o conceito de itens culturais-específicos (ICEs), que “são geralmente expressados em um texto por meio de objetos e sistemas de classificação e medida, cujos usos estão restritos à cultura fonte, ou por meio da transcrição de opiniões e descrição de hábitos igualmente desconhecidos pela cultura alvo”, o que complementa a noção de marcador cultural de Aubert.

Aixelá (2013) também indica algumas estratégias de tradução que se aplicam aos ICEs. Dentre elas, as duas mais relevantes para o objeto de análise deste artigo (as notas de rodapé do tradutor) são de natureza conservativa (em oposição à substitutiva), classificadas por Aixelá (2013, p. 198) como explicação extratextual em que o tradutor, além de utilizar outros procedimentos de tradução, “considera necessário oferecer alguma explicação do significado ou implicações do ICEs” sem “misturar esta explicação com o texto”, e como explicação intratextual em que “os tradutores acham que podem ou devem incluir seu comentário em uma parte indistinta do texto, geralmente para não atrapalhar a atenção do leitor”.

Dado que a presente análise é voltada para o produto final (as duas traduções de *Iaiá Garcia* para o inglês), a seleção das unidades de tradução (UT) considera o critério definido por Toury (1995) em que aponta que UTs são segmentos menores do texto que permitem a realização de uma análise comparativa entre os textos na língua de chegada e na língua de partida. Assim, para o estudo comparativo apresentado neste artigo, o critério utilizado para a delimitação dessas UTs considera o termo para o qual o tradutor Bagby Jr. havia adicionado uma nota de rodapé para esclarecimentos. Selecionou-se um segmento que permitisse o entendimento desse termo, e buscou-se o mesmo trecho na tradução de Scott-Buccluch e no texto de partida de Machado de Assis. Afinal, a tradução de Scott-Buccluch tem apenas uma nota de fim de página que trata da guerra do Paraguai, enquanto a tradução de Bagby Jr. apresenta 47

notas de rodapé. No entanto, é interessante ressaltar que Scott-Bucleuch tende a inserir informações complementares no próprio texto traduzido, mas sem mencionar esta estratégia ao seu leitor.

***Iaiá Garcia*: duas traduções para o inglês e a obra de partida correspondente em português**

O enredo de *Iaiá Garcia* traz uma história que gira em torno do triângulo amoroso formado por Jorge, rapaz de posses da sociedade carioca, por Estela, agregada de sua mãe Valéria (e depois madrasta de Iaiá), e por Lina Garcia, Iaiá, a terceira integrante dessa relação, que é a jovem filha de Luís Garcia, conhecido e amigo da família de Jorge. Valéria não aceita que haja um relacionamento amoroso entre o filho Jorge e a agregada Estela e o convence a lutar na guerra do Paraguai, o que não seria necessário, pois Estela, apesar de tudo, não aceita as investidas de Jorge. Ao voltar da guerra, após a morte de Valéria, Jorge passa a frequentar a casa de Luís Garcia, agora casado com Estela, onde conhece Iaiá, por quem se apaixona e com quem, após alguns conflitos, se casa. Estela, após a morte de Luís Garcia, vai ser professora em São Paulo. No entanto, todas as relações sociais do romance apoiam-se em uma questão social mais profunda, que envolve relações de favor e de dependência entre as classes mais baixas e mais altas, e no modo de vida dos agregados no Brasil Império (SCHWARZ, 2000).

Em relação à obra de partida, *Iaiá Garcia* encontra-se em domínio público desde 1958 (CAMPOS, 2018, p. 8), porém, para fins de cotejamento e comparação com as notas de rodapé das traduções em inglês, foram utilizadas duas publicações: a edição da Cultrix, organizada por Massaud Moisés, que é citada pelo tradutor Bagby Jr. como sendo a edição utilizada por ele para sua tradução, e que possui notas explicativas que foram por ele

traduzidas, e a edição revisada de 2011 da L&PM,⁶ pois esta foi revisada com outras edições do romance, bem como também com o texto da Comissão Machado de Assis.

Com relação às traduções de *Iaiá Garcia* em inglês, são listadas pelo *site* da Academia Brasileira de Letras⁷ e por Hatje-Faggion (2015, p. 17) apenas duas traduções que foram publicadas nos anos 1970: *Yayá Garcia*, traduzida do português para o inglês por Robert L. Scott-Bucleuch, publicada em 1976, em Londres, pela Peter Owen, como parte da coleção *UNESCO Collection of Representative Works – Brazilian Series* e *Iaiá Garcia*, traduzida por Albert Ian Bagby Jr., publicada em 1977, nos EUA, pela The University Press of Kentucky, como parte da coleção *Studies in Romance Languages: 17* da universidade estadunidense.

Os dois tradutores de *Iaiá Garcia*: Albert Ian Bagby Jr. e Robert L. Scott-Bucleuch

Os dois tradutores têm relações com o Brasil. De acordo com Hatje-Faggion (2015, p. 42 e p. 44), Albert Ian Bagby Jr. nasceu no Brasil, em Porto Alegre (RS), em 1939, de pais americanos, porém desde os 18 anos estudou e trabalhou em universidades nos EUA. Bagby Jr. publicou diversos ensaios sobre Machado de Assis e traduziu para o inglês, também de Machado de Assis, *A mão e a luva* (1970).

Robert Lascelles Scott-Bucleuch nasceu em Kirkcaldy, Escócia; estudou no Reino Unido e trabalhou como professor de inglês para o British Council em diversos países, inclusive no Brasil, onde, em 1963, criou e chefiou o Departamento de inglês do Instituto de Letras da Universidade

6 Há muita controvérsia envolvendo as edições e editoras de obras de Machado de Assis, e, por isso, optou-se por utilizar, para fins de cotejamento, a edição revisada da L&PM, porém, a professora Marta de Senna e equipe disponibilizam um extenso material revisado de, e sobre o autor, em: www.machadodeassis.net. Acesso em 23 dez. 2022.

7 Disponível em: <https://www.machadodeassis.org.br>. Acesso em 23 dez. 2022.

de Brasília (UnB). Em 1978, Scott-Bucleuch recebeu a medalha Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras. Scott-Bucleuch traduziu outras obras de Machado de Assis, quais sejam: *Memorial de Aires* (1990) e *Dom Casmurro* (1992), bem como obras de outros autores brasileiros.

Análise das notas de rodapé nas duas traduções para o inglês de *Iaiá Garcia*

As duas traduções para o inglês de *Iaiá Garcia* possuem outros paratextos além das notas de rodapé. Scott-Bucleuch traz uma introdução de três páginas (“Translator’s foreword”), em que ele apresenta uma biografia de Machado de Assis, discorre sobre a sua obra e a importância dela para a literatura nacional, bem como aborda a relevância de *Iaiá Garcia* como ponto de transição para Machado de Assis, e não menciona a sua tradução. Bagby Jr., por sua vez, inclui na tradução um prefácio com agradecimentos e esclarecimentos sobre a sua tradução em que ele menciona a sua opção por deixar, algumas vezes, a palavra ou frase no original em português (“*leave the original Portuguese word or phrase*”), quando ele não encontrou alternativa em inglês, e a utilização, quando necessário, de notas explicativas, além de uma introdução de 14 páginas, em que ele apresenta uma breve biografia de Machado de Assis e faz uma análise literária sobre o enredo de *Iaiá Garcia*, focando na relação entre Iaiá e Estela, principalmente. Tendo em vista que, apesar da diferença de tamanho desses textos suplementares, os assuntos abordados nessas introduções são semelhantes e não discutem aspectos culturais do texto, e apesar de todo paratexto ser importante para auxiliar no entendimento do papel dos tradutores, que é o foco deste artigo, a análise aqui se limitará às notas de rodapé acrescentadas às duas traduções de *Iaiá Garcia*.

Para fins da discussão acerca da utilização das notas de rodapé como forma de proporcionar melhor entendimento ao leitor do texto de chegada

dos aspectos culturais presentes no texto de partida, são analisados comparativamente trechos selecionados do texto de Machado de Assis cuja tradução para o inglês teve algum paratexto relacionado na tradução de Bagby Jr. com o mesmo trecho traduzido por Scott-Bucclench, que não utiliza notas de rodapé, com exceção de uma ocorrência (ASSIS, 1977, p. 30). Por tratar-se de uma relação extensa de notas (47 notas de rodapé), optou-se, aqui, por selecionar e detalhar apenas algumas ocorrências mais relevantes.

Conforme já mencionado, o texto de partida de *Iaiá Garcia* utilizado por Bagby Jr. foi a edição da Cultrix, informação esta que consta do prefácio de sua tradução. Nesse mesmo prefácio, Bagby Jr. agradece Massaud Moisés, organizador e responsável pelas notas do texto utilizado por ele. No entanto, Bagby Jr. não deixa explícito ao leitor de língua inglesa que ele traduzira também as 23 notas de rodapé⁸ constantes nessa edição. Inobstante esse fato, das 47 notas de rodapé⁹ da tradução de Bagby Jr., 21 dessas notas são as traduções de notas presentes no texto em português, com pequenas alterações em cinco delas. Essas notas elaboradas por Moisés, em geral, referem-se a dados históricos e citações de textos clássicos presentes na obra de Machado de Assis. Aqui vale lembrar que a edição utilizada por Scott-Bucclench foi diferente da de Bagby Jr. Scott-Bucclench utilizou a edição da editora W. M. Jackson,¹⁰ que, diferente da edição da Cultrix, não traz nenhuma nota explicativa. Sendo assim, os dois primeiros exemplos tratam somente das notas do editor do texto de Machado de Assis, Massaud Moisés, traduzidas por Bagby Jr. em sua tradução. Entretanto, para fins de comparação, apresentamos também os mesmos trechos da tradução de Scott-Bucclench, mesmo que não existam notas explicativas atreladas a eles.

8 As notas de rodapé inseridas por Massaud Moisés não são numeradas, identificadas apenas pelo sinal asterisco.

9 As notas de rodapé inseridas por Bagby Jr. são renumeradas a cada capítulo.

10 BAGBY JR., 1993, p. 129.

Dessas cinco alterações, uma se refere à correção da informação dada por Moisés (ASSIS, 1968, p. 221) sobre um trecho de *Macbeth*, de Shakespeare, citado pela personagem Estela (*Out, damned spot!*), em que Moisés esclarece, em nota, que o trecho se refere a uma citação do Ato IV de *Macbeth*; porém, Bagby Jr. (ASSIS, 1977, p. 48) observa que essa citação é do Ato V, o que é, na verdade, a informação correta.¹¹ Em outras três notas, o tradutor insere informação complementar sobre a tradução, como indicado no Exemplo 1, a seguir, quando aparece o nome “Diana”, uma alusão à deusa romana. Neste caso, Jorge, em um jantar, ouve a anfitriã fazer comentários sobre a família de Luís Garcia, como uma Diana caçadora de “fofocas”:

Exemplo 1

A dona da casa, que era uma **Diana** caçadora de boatos e novidades, farejou algum mistério entre as rugas da testa de Procópio Dias, e dobrando as pontas do arco disparou sutilmente uma flecha que ninguém viu, mas foi enterrar-se no coração de Jorge.

Nota de rodapé: Deusa da caça e dos bosques.
(*Iaiá Garcia*, Machado de Assis e nota de Massaud Moisés, 1968, p. 242)

Their hostess, who was a veritable **Diana** in the hunt for news and gossip, soon suspected some mystery behind wrinkles in Procópio Dias’ forehead, and bending her bow despatched a subtle, invisible arrow which buried itself in Jorge’s heart.

(*Yayá Garcia*, tradução de Scott-Buccluch, 1976, p. 97 – não há nota de rodapé)

The hostess, who was a **Diana** of gossip and

11 De acordo com: <http://shakespeare.mit.edu/macbeth/full.html>. Acesso em 03 nov. 2022 .

misfortune, scented some mystery between the wrinkles of Procópio Dias's forehead, and bending back the ends of the bow she subtly shot off an arrow which no one saw but which went straight to Jorge's heart.

Nota de rodapé: Diana was goddess of **the moon**, the hunt, and the woodlands. **Here the meaning is obviously that of "huntress."**¹²

(*Iaiá Garcia*, tradução de Bagby Jr., 1977, p. 71, grifo nosso)

Na nota de rodapé para a sua edição, Moisés explica que Diana era deusa da caça e dos bosques; Bagby Jr., porém, em sua nota, amplia essa informação salientando que Diana também era a "deusa da lua" e ainda traz um complemento esclarecendo o significado da referência a essa deusa, de acordo com o contexto; o de que a mulher do texto era uma "caçadora" de fofocas.

Outra ocasião em que Bagby Jr. altera a nota elaborada por Moisés é referente a uma frase que aparece em inglês no texto de *Iaiá Garcia*. Enquanto Moisés inclui nota de rodapé somente com a tradução da frase para o português, Bagby Jr. traz em sua nota uma discussão existente sobre se Machado de Assis sabia ou não inglês. Nesse caso, a nota é sobre o autor do romance e não sobre o trecho do romance, conforme indica o Exemplo 2, em que Iaiá recebe Jorge, que lhe dava aulas de inglês, com uma frase no mencionado idioma.

Exemplo 2

— *Good evening, my dear mestre!* - bradou Iaiá logo que o viu entrar na sala.

12 "Diana era deusa da lua, da caça e dos bosques. Aqui o significado é obviamente o que se refere à "caçadora." (tradução nossa).

Nota de rodapé: “Boa noite, meu querido”.

(*Iaiá Garcia*, Machado de Assis e nota de Massaud Moisés, 1968, p. 280)

‘Good evening, my dear teacher,’ bawled Yayá in **English** as soon as she saw him enter the room.

(*Yayá Garcia*, tradução de Scott-Bucleuch, 1976, p. 150 – não há nota de rodapé)

“Good evening, my dear professor!” Iaiá cried out as soon as she saw him enter the room.

Nota de rodapé: It is significant that “Good evening, my dear,” appeared in English in Assis’s original. While there is no concrete evidence to suggest that Assis spoke English fluently, it is known that he was greatly influenced by nineteenth-century English poets, Lamb in particular. He was also fond of Edgar Allan Poe, as Helen Caldwell shows in her *Brazilian Othello*. Whether he was fluent or not, Assis’s knowledge and understanding of the English language must have been excellent, for his translation into Portuguese of Poe’s “The Raven” is exquisite. Throughout his novels and some of his short stories he uses brief expressions in English.¹³

(*Iaiá Garcia*, tradução de Bagby Jr., 1977, p. 112)

Nessa nota explicativa, Bagby Jr. oferece ao seu leitor informações referentes a Machado de Assis com relação a autores que teriam influenciado sua escrita (poetas ingleses do século XIX, como Lamb), inclusive por meio de textos traduzidos por Machado de Assis; Bagby Jr. cita Edgar Allan Poe, autor do qual Machado de Assis traduziu para o português o

13 “É significativo que «*Good evening, my dear*», tenha aparecido em inglês no original de Assis. Embora não haja nenhuma evidência concreta para sugerir que Assis falava inglês fluentemente, sabe-se que ele foi muito influenciado por poetas ingleses do século XIX, Lamb em particular. Ele também gostava de Edgar Allan Poe, como mostra Helen Caldwell em seu *Brazilian Othello*. Fluente ou não, o conhecimento e a compreensão da língua inglesa de Assis devem ter sido excelentes, pois a tradução para o português de “O Corvo” de Poe é primorosa. Ao longo de seus romances e alguns de seus contos, ele usa breves expressões em inglês.” (tradução nossa).

poema “O corvo”. O tradutor pode ter utilizado a nota, nesse caso, para dar visibilidade a uma discussão importante para ele, dado que Bagby Jr. já escrevera um artigo,¹⁴ em 1975, sobre a relação de Machado de Assis com línguas estrangeiras. Entretanto, essa informação em nota de rodapé é discutível, tendo em vista o conteúdo abordado e a extensão. Como afirma Newmark (1988, p. 92), “notas de rodapé podem se tornar um incômodo quando muito longas ou numerosas”.¹⁵ Scott-Bucleuch, apesar de não inserir nota explicativa, inclui a informação no próprio texto de que a frase é dita “em inglês” (*in English*) por Iaiá.

Em outras cinco notas, o tradutor inclui ou exclui algumas datas informadas por Moisés no texto em português, como, por exemplo, quando “Dr. Pangloss” é citado no texto de Machado de Assis, Moisés esclarece em nota que se trata de personagem de *Cândido*, de Voltaire, e informa a data de nascimento e morte do autor (1694-1778); já Bagby Jr. traduz a nota para o inglês, mas substitui as datas referentes ao autor pela data de publicação da obra (1759). Das 11 notas elaboradas por Moisés e aproveitadas sem alteração na tradução de Bagby Jr. para o inglês, uma delas é sobre o mesmo assunto da única nota de rodapé presente na tradução de Scott-Bucleuch, que somente explica que os nomes citados se referem aos generais que lutaram na guerra do Paraguai, como no Exemplo 3, a seguir:

Exemplo 3

Um desacordo por motivo de namoro, não é o **Pôrto Alegre nem o Polidoro**, é um padre que lhe deve pôr termo.

Nota de rodapé: Generais brasileiros da Guerra do

14 BAGBY JR., Albert. Machado de Assis and Foreign Languages. *Luso-Brazilian Review*, v. 12, n. 2, p. 225-233, 1975. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3512944>.

15 No original: “notes at the bottom of the page become a nuisance when they are too lengthy and numerous” (Newmark, 1988, p. 92, tradução nossa).

Paraguai. O Conde de Pôrto Alegre comandava o 2o Corpo Brasileiro, e Polidoro substituíu a Osório, que adoecera.

(*Iaiá Garcia*, Machado de Assis e nota de Massaud Moisés, 1968, p. 194)

‘A quarrel because of a love affair doesn’t need a **Porto Alegre** or a **Polidoro** to settle it; it needs a priest.’

Nota de rodapé: Brazilian generals of the Paraguayan war.

(*Yayá Garcia*, tradução de Scott-Bucleuch, 1976, p. 30)

“A disagreement because of a love affair concerns neither **Pôrto Alegre** nor **Polidoro**. A priest should be the one to put a stop to it.”

Nota de rodapé: Brazilian generals of the war with Paraguay. The Count of Pôrto Alegre commanded the Second Brazilian Corps; Polidoro substituted for General Osorio, who had fallen ill.

(*Iaiá Garcia*, tradução de Bagby Jr., 1977, p. 18)

As outras 26 notas de rodapé foram acrescentadas por Bagby Jr. e, na sua maioria, explicam marcadores culturais brasileiros. Dessas notas, em 11 delas Bagby Jr. optou por transcrever a palavra em português, sendo três notas sobre nomes de lugares (“Rua do Ouvidor”, “Tijuca” e “Buenos Aires/Rio da Prata”), como no Exemplo 4, a seguir. O tradutor Scott-Bucleuch também fez opção semelhante na sua tradução com os nomes de ruas e bairros; porém, no exemplo destacado, Bagby Jr. esclarece o significado do nome da rua em inglês, o que ele não faz com o nome de outras ruas, como “Rua dos Arcos” (ASSIS, 1977, p. 6), para a qual não há nota de rodapé com a sua tradução para o inglês. No entanto, a sua tradução de “Rua do Ouvidor” como “Street of the Hearer” está errada, pois, apesar

de constar, no *Diccionario da lingua portuguesa* (1858, p. 463), a definição de “ouvidor” como “ouvinte para julgar”, também consta como “juiz posto pelos donatários em suas terras”, que é a definição apropriada, tendo em vista que o nome “Rua do Ouvidor” passa a ser utilizado em 1870 quando o ouvidor Francisco Berquó da Silveira, oficial de justiça da cidade, vai morar na esquina com a Rua do Carmo, de acordo com o periódico *Diário do Rio*.¹⁶ Nesse caso, a explicação em nota de rodapé foi equivocada.

Exemplo 4

Elegante, ocupava Jorge um dos primeiros lugares entre os dândis da **Rua do Ouvidor**; ali podia ter nascido, ali poderia talvez morrer.
(*Iaiá Garcia*, Machado de Assis, 2011, p. 64)

And as for elegance, he was one of the leading dandies in the **Rua do Ouvidor**: he might have been born there, as indeed he might well die there.
(*Yayá Garcia*, tradução de Scott-Bucleuch, 1976, p. 26)

Elegant, Jorge occupied one of the top places among the dandies of the **Rua do Ouvidor**. He could have been born there; he could probably die there. ...

Nota de rodapé: Literally, “Street of the Hearer”, “, one of the most important avenues in Rio de Janeiro, especially in Assis’s day. It was on this street that “things happened.”¹⁷
(*Iaiá Garcia*, tradução de Bagby Jr., 1977, p. 15)

16 Disponível em: <https://diariodorio.com/historia-da-rua-do-ouvidor-2/>. Acesso em 03 de nov. 2022.

17 “Literalmente, ‘Street of the Hearer’, uma das avenidas mais importantes do Rio de Janeiro, principalmente no tempo de Assis. Era nesta rua que as ‘coisas aconteciam.’” (tradução nossa).

Nas outras oito notas de rodapé, Bagby Jr. explica o significado dos termos, e aqui se enquadram as amostras que evidenciam o questionamento objeto deste artigo, qual seja: apesar de o tradutor se mostrar mais “estrangeirizador” por manter o estranhamento da palavra estrangeira e de elaborar notas de rodapé para esclarecê-la, parte das justificativas das quais ele se utiliza para explicar o termo parecem equivocadas, muitas vezes demonstrando juízo de valor por parte do tradutor, e sem considerar as peculiaridades culturais do Brasil, como demonstrado no exemplo anterior, e conforme indicam os Exemplos 5, 6 e 7, a seguir:

Exemplo 5

Iaiá ia ter com o **preto**.

(*Iaiá Garcia*, Machado de Assis, 2011, p. 54)

Then she would go to **Raimundo**.

(*Yayá Garcia*, tradução de Scott-Bucleuch, 1976, p. 14, grifo nosso)

[...] Iaiá would go to the *preto*.

Nota de rodapé: An **endearing** reference to Raimundo, which means literally “the black man.”¹⁸

(*Iaiá Garcia*, tradução de Bagby Jr., 1977, p. 5, grifo nosso)

Para traduzir “preto”, Bagby Jr. transcreve a palavra em itálico, prezando pela sua explicação cultural para justificar sua escolha pela não tradução, como um termo carinhoso (“*endearing*”) para se referir a Raimundo. Entretanto, ainda assim, a explicação é discutível, dada a definição do verbete “preto” no *Diccionario da Lingua Portuguesa* (1858,

18 “Uma forma ‘carinhosa’ de chamar Raimundo, que significa literalmente ‘o homem preto.’” (tradução nossa).

p. 600) como “homem, ou mulher preta; seja forro, ou captivo”, cuja associação ao escravizado é explícita. Ou seja, apesar de transcrever o elemento cultural, a sua explicação em nota de rodapé parece equivocada, pois ele ignora a violência e referência do termo “preto” à escravidão vigente e o associa a uma forma carinhosa de chamar Raimundo. Por outro lado, Scott-Bucclench opta por substituir “preto” pelo nome próprio do personagem, “Raimundo”, que era descrito no romance como um preto escravo (alforriado), removendo, dessa forma, o elemento cultural e excluindo qualquer crítica social que pudesse estar por trás dessa escolha de palavra por Machado de Assis.

Exemplo 6

No sábado, à tarde, acabado o jantar, descia Raimundo até à Rua dos Arcos, a buscar a **sinhá moça**, que estava sendo educada em um colégio.
(*Iaiá Garcia*, Machado de Assis, 2011, p. 54)

On Saturday afternoon, after dinner, Raimundo would go down to the Rua dos Arcos to fetch **the girl** from the school where she was studying.
(*Yayá Garcia*, tradução de Scott-Bucclench, 1976, p. 13)

On Saturday afternoon, after dinner, Raimundo would go down to the Rua dos Arcos to get **sinhá moça**, who was being educated in a colegio.

Nota de rodapé: *Sinhá moça* is a Brazilian colloquialism that may be translated “miss” or “missy”.¹⁹
(*Iaiá Garcia*, tradução de Bagby Jr., 1977, p. 4)

19 “Sinhá-moça’ é um coloquialismo brasileiro que pode ser traduzido como ‘missy’ ou ‘miss.’” (tradução nossa).

Nesse exemplo, para traduzir “sinhá-moça”, Bagby Jr. escolhe transcrever a palavra em português, e, mais uma vez, evidencia o aspecto cultural em explicação em nota de rodapé, salientando que se trata de uma “miss” ou “missy” no Brasil. É verdade que o termo “sinhá-moça” pode ser traduzido por “miss” ou “missy”, mas esse termo era utilizado especificamente pelos escravizados para se referir às filhas dos senhores brancos; ou seja, elas eram as meninas das famílias que eram donas de escravos, e esse aspecto cultural do Brasil imperialista acaba não sendo passado efetivamente ao leitor de língua inglesa. Scott-Bucleuch escolhe “*girl*” (menina), apagando esse traço atrelado à cultura brasileira.

Exemplo 7

_ Já tive ocasião de lhe dizer que foi um dos heróis - interveio Luís Garcia olhando para a mulher -, mas o **Dr. Jorge** teima em escurecer os seus próprios serviços. Iaiá não é a mesma coisa.

(*Iaiá Garcia*, Machado de Assis, 2011, p. 117)

‘I’ve already told you that he was one of our heroes’, interrupted Luis Garcia, looking at his wife. ‘But **Sr Jorge** refuses to talk about his own deeds. Not like Yayá.’

(*Yayá Garcia*, tradução de Scott-Bucleuch, 1976, p. 95)

“I have already told you that he was one of the heroes”, interrupted Luís Garcia, looking at his wife; “but **Dr. Jorge** insists on concealing his own accomplishments - unlike Iaiá”.

Nota de rodapé: It is customary in Brazil to call anyone with higher education “doctor”, and to place the “Dr.” in front of the given name. It is a courteous

form of address used among acquaintances.²⁰
(*Iaiá Garcia*, tradução de Bagby Jr., 1977, pp. 68-69)

Para traduzir o pronome de tratamento “Dr.,” Bagby Jr. escolhe transcrever Dr. e adiciona uma nota de rodapé em que explica, de forma incompleta, o uso de “doutor” na cultura brasileira. Realmente é uma forma cortês de se endereçar a pessoas com educação formal, apesar de indevido, pois doutor seria somente empregado se a pessoa tivesse obtido o título acadêmico; mas, há outra questão implícita nesse termo, como bem exemplifica Faoro (1974, p. 299), a pessoa que recebe o tratamento de doutor no Brasil possui um status de superioridade. Em relação a Jorge, “o título lhe(s) servia para dourar o nome, enganando com a presunção de cultura, que o romancista lhes nega” (FAORO, 1974, p. 299). Scott-Bucleuch opta por “Sr Jorge” removendo esse costume brasileiro.

Em cinco notas de rodapé, Bagby Jr. apenas apresenta o significado de palavras como “marimba/*marimba*” e “aneurisma/*aneurism*”. Em três outras notas, Bagby Jr. comenta especificidades do Brasil que não têm relação direta com a forma como ele traduz o termo, como no trecho em que é dito que Jorge estava no quarto ano, e Bagby Jr. insere nota para explicar que esse é o último ano de estudo para a graduação no Brasil. Em outras quatro notas, Bagby Jr. explica as suas escolhas tradutórias, como no Exemplo 8, a seguir:

Exemplo 8

— Faltava mais uma língua a esta tagarela - disse Luís Garcia rindo;
(*Iaiá Garcia*, Machado de Assis, 2011, p. 117)

20 “É comum no Brasil chamar qualquer pessoa que tenha educação superior de ‘doutor,’ e colocar ‘Dr.’ na frente do nome. É uma forma cortês de endereçamento usada entre conhecidos.” (tradução nossa).

‘This little chatterbox just needed another **tongue**,’ said Luis Garcia with a laugh.

(*Iaiá Garcia*, tradução de Scott-Buccluech, 1976, p. 95)

‘All this chatterbox needs is another **language**,’ said Luís Garcia, laughing.

Nota de rodapé: The translation into English of “all she needs is another language” loses the original play on words which was possible in Portuguese. The word *língua*, which I have translated as language, could also have been translated as tongue, but it might have been confusing to the reader.²¹

(*Iaiá Garcia*, tradução de Bagby Jr., 1977, pp. 68-69)

Para traduzir “língua”, Bagby Jr. escolhe “language” e esclarece que o trocadilho somente é compreensível em português porque a palavra “língua” pode significar língua ou linguagem; de acordo com o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2004), a palavra “língua” pode significar tanto “órgão muscular [...] que serve para a degustação e deglutição, e desempenha papel importante na articulação de sons” como “o conjunto de palavras e expressões usadas por um povo [...] idioma”. A estratégia tradutória constitui um bom exemplo de estrangeirização, em que Bagby Jr. traz o leitor do texto de chegada para o texto de partida. Entretanto, Scott-Buccluech opta por “*tongue*”/“língua” em inglês, e não “*language*”/“linguagem”, sem inserir nota explicativa de modo a não deixar o leitor de língua inglesa confuso, como sugere Bagby Jr. em sua nota de rodapé. Ou seja, Scott-Buccluech ignora o trocadilho e não o substitui por outra expressão que pudesse causar o mesmo divertimento para o leitor de língua inglesa.

21 “A tradução para o inglês de “all she needs is another language” perde o jogo de palavras original possível em português. A palavra *língua*, que eu traduzi como language, poderia também ter sido traduzida como tongue, mas isso poderia ficar confuso para o leitor.” (tradução nossa).

As outras três notas de rodapé na tradução de Bagby Jr. trazem esclarecimentos referentes a termos em língua estrangeira (“I love”, que ele mantém em inglês, e “À capucha”, que ele traduz para o francês) no texto de partida, e uma explicação sobre os tipos de ventos (siroco e pampeiro) que se manifestam no sul do Brasil.

Algumas considerações finais

O objetivo deste artigo foi realizar a análise descritiva e comparativa das duas traduções de *Iaiá Garcia* de Machado de Assis para o inglês entre si e com o texto de partida correspondente para investigar se as notas de rodapé dos tradutores abordam a crítica social/os marcadores culturais presentes na narrativa dessa obra machadiana, com o fim de se estabelecer possíveis impactos e implicações para o leitor de língua inglesa.

Conforme indicam os exemplos apresentados, verificou-se que, nas notas de rodapé acrescentadas ao texto traduzido, Bagby Jr., o tradutor estadunidense, nem sempre conseguiu transmitir para o leitor de língua inglesa os aspectos sociais que estavam por trás da linguagem utilizada no Brasil, como no caso das notas relativas aos vocábulos “preto” e “sinhomoça”, que têm relação direta com a escravidão no país, mas para os quais Bagby Jr. não estabeleceu tal relação. Scott-Bucleuch, o tradutor britânico, no entanto, mostrou ter preferência por incluir informações adicionais no próprio texto traduzido. Bagby Jr. tende a acrescentar informações para os leitores de língua inglesa, inscrevendo-se no texto de forma bem visível. Por outro lado, Scott-Bucleuch prefere, na maioria das vezes, não ficar visível (explicitamente), apesar de algumas poucas vezes ele se inserir no próprio texto traduzido, utilizando-se da estratégia intratextual (AIXELÁ, 2013), como na ocorrência em que se menciona uma “catarinense”, em que Scott-Bucleuch substitui a palavra “catarinense” por “*a woman from Santa Catarina*” (1976, p. 18). No entanto, Scott-Bucleuch faz essa escolha em

somente mais uma ocasião, quando se compara com as vezes em que Bagby Jr. opta pela estratégia extratextual com a utilização de notas de rodapé.

Ambos os tradutores optam por utilizar tanto procedimentos estrangeirizadores como domesticadores ao tratar de marcadores culturais, ou itens culturais-específicos, porém Bagby Jr. tende a escolher mais estratégias estrangeirizadores do que Scott-Bucleuch.

As notas de rodapé, ou inserções, adicionadas às duas traduções, poderiam ter essa função de dar visibilidade aos marcadores culturais e, conseqüentemente, ao tradutor, o que não ocorre. Apesar de Scott-Bucleuch se inserir no texto utilizando-se do procedimento intratextual, essas inserções apenas esclarecem melhor termos como “catarinense”, e não trazem uma explicação cultural do termo, como origem ou uso, diferente das notas de rodapé inseridas por Bagby Jr. Pelos dados obtidos na análise das notas de rodapé desse tradutor, que aparenta ser um tradutor mais estrangeirizador, observa-se a intenção de esclarecer as marcas culturais, ou ICEs. Porém esse objetivo não foi alcançado, pois muitas dessas notas não esclarecem os aspectos culturais e nem a crítica social envolvida. Talvez se Bagby Jr. tivesse comentado as questões sociais da trama em sua “Introdução”, os leitores da língua de chegada teriam acesso mais direto aos marcadores culturais e às questões sociais em *Iaiá Garcia*, porém ele foca somente na relação de disputa de poder entre Iaiá e Estela. Deste modo, pode se afirmar que o tradutor de perfil mais estrangeirizador nem sempre conseguiu transpor os aspectos culturais para o novo público leitor, implicando, de certa forma, em uma compreensão incompleta da narrativa de Machado de Assis.

Referências

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Iaiá Garcia*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

_____. *Iaiá Garcia*. São Paulo: W. M. Jackson Inc., 1955.

_____. *Helena/Iaiá Garcia*. São Paulo: Editora Cultrix, 1968.

_____. *Yayá Garcia*. Tradução de Robert Scott-Bucleuch. London: Peter Owen, 1976.

_____. *Iaiá Garcia*. Tradução de Albert Bagby Jr. Lexington: The University Press of Kentucky, 1977.

AIXELÀ, Javier Franco. Tradução de Mayara Matsu Marinho e Roseni Silva. “Itens Culturais-Específicos em Tradução”, de Javier Franco Aixelá. *In-Traduções*, v. 5, n. 8, p. 185-218, jan./jun., 2013.

AUBERT, Francis Henrik. Indagações acerca dos marcadores culturais na tradução. *Revista de Estudos Orientais*, São Paulo, n. 5, p. 23-36, 2006.

BAGBY JR., Albert. Machado de Assis and Foreign Languages. *Luso-Brazilian Review*, v. 12, n. 2, p. 225-233, 1975. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3512944>. Acesso em: 22 ago. 2019.

_____. *Machado de Assis e seus primeiros romances*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

BATCHELOR, Kathryn. *Translation and Paratexts*. Oxfordshire: Routledge, 2018.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1981.

BRACCINI, Adriana Mayumi Iwasa. *Iaiá Garcia de Machado de Assis em inglês: o papel dos tradutores na tradução dos marcadores culturais para o mundo anglo-americano*. 2022. 149f. Dissertação (mestrado em

Estudos da Tradução) - Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

BRITTO, Paulo Henriques. O tradutor como mediador cultural. *Synergies Brésil*, n. 2, p. 135-141, 2010.

CAMPOS, Alex Sander Luiz. Edições de Machado de Assis: por quê, para quê? *Machadiana Eletrônica*, v. 1, n. 1, p. 131-150, jan./jun. 2018.

CARNEIRO, Teresa Dias. *Contribuições para a teoria do paratexto do livro traduzido: caso das traduções literárias francesas no Brasil a partir de meados do século XX*. 2014. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2014.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Studies. *Poetics Today*, v. 11, n. 1, 1990.

FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Companhia Editora Nacional:/Brasília, 1974. v. 356.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio de língua portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

GENETTE, Gérard. *Paratexts: Thresholds of Interpretation*. Cambridge University Press, 1997.

_____. Tradução de Álvaro Faleiros. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009

HATJE-FAGGION, Válmí. *Destino internacional: Machado de Assis para a língua inglesa – seis romances em múltiplas traduções*. Campinas: Pontes, 2015.

_____. Tradutores de Machado de Assis: vozes na História da Tradução.

Belas Infieis, v. 6, n. 2, p. 53-70, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/belasinfeis.v6.n2.2017.11454>. Acesso em: 30 ago. 2019.

MOISÉS, Massaud. Nota preliminar. In: ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Helena/ Iaiá Garcia*. São Paulo: Editora Cultrix, 1968. p. 175-177.

NEWMARK, Peter. *A textbook of translation*. New York: Prentice Hall International, 1988.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrrj.br/handle/doc/15>. Acesso em 03 nov. 2020.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processos social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

SILVA, Antonio. *Diccionario da lingua portugueza*. 6. ed. melhor. e acresc., [por] Agostinho de Mendonça Falcão. Lisboa (Portugal): Typ. de Antonio José da Rocha, 1858. 2 v. e 7. ed.

VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. London: Routledge, 1995.

TOURY, Gideon. *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

The translator as a promoter (or not) of the source text's culture: the footnotes of two translations into English of Machado de Assis' Iaiá Garcia

Abstract: The way in which cultural aspects present in a literary work are translated into a new literary system depends primarily on the choices of its translators, which can be identified as more domesticating or more foreignizing (VENUTI, 1995), and therefore translators play an extremely relevant role when examining the translation into English of the cultural markers of a

given literary work. This article seeks through the descriptive analysis of the paratexts (GENETTE, 1997, 2009), more specifically of the footnotes, to discuss whether the translator who uses them, and who, therefore, tends to be more “foreignizing”, really presents, in the best way, the cultural issues (AUBERT, 2006; AIXELÁ, 2013) of the source text in the target text. To support this analysis, two translations into English of Iaiá Garcia (1878), by Machado de Assis, namely *Yayá Garcia* (1976), translated by Robert Scott-Buccluch, published in the United Kingdom, and *Iaiá Garcia* (1977), translated by Albert Bagby Jr., published in the United States, were compared and both were also compared with their corresponding source text in Portuguese. Based on the comparison of those three texts, it can be concluded that Scott-Buccluch tends to be a more “domesticating” translator, while Bagby Jr. tends to be a more “foreignizing” translator. However, most of the time, when Bagby Jr. used footnotes in his translation to clarify aspects of Brazilian culture, he apparently was not able to highlight the cultural peculiarities of the country with this resource, which demonstrates that the most “foreignizing” translator is not always able to highlight the cultural aspects of the source text.

Keywords: Translators. Cultural markers. Footnotes. Iaiá Garcia. Machado de Assis.

Recebido em: 09/08/2022

Aceito em: 28/10/2022